

RESENHAS

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. *A Cartografia no ensino de Geografia: Construindo os caminhos do cotidiano*. Francisco Beltrão: Grafitec, 1997, 148 p.

Por que o educando não gosta de mapa? Esta foi a questão norteadora das atividades desenvolvidas numa turma de calouros do curso de Geografia na FACIBEL (Faculdade de Ciências Humanas) em Francisco Beltrão, PR, no ano de 1995. A resposta para esta indagação foi clara: porque os alunos não entendem os mapas.

A partir desta constatação foi lançado o desafio de despertar o gosto pela Cartografia (não somente enquanto técnica, mas enquanto ciência), além de inserir a compreensão das representações cartográficas enquanto um processo de aquisição em que se desenvolvem conhecimentos e habilidades a fim de que se efetue a leitura do espaço geográfico representado.

Para alcançar tal objetivo, precisou-se antes de mais nada, “alfabetizar” cartograficamente os alunos, evidenciando-os como agentes sociais, logo, atuantes e transformadores da realidade que precisavam representar.

Desta maneira, foi desenvolvida uma metodologia de ensino pautada na mediação semiótica de Vygotsky, dialógica de Bakhtin e na teoria sócio-cultural (ou sócio-histórica) que ressaltam a interação social ao longo da experiência pedagógica como processo contínuo para o ensino e aprendizagem. A avaliação, dentro desta lógica, constituiu-se qualitativa e contínua, pautada na observação do erro como encaminhador do processo de ensino (segundo a teoria de Bachelard).

O ponto de partida foi o esquema corporal, o “mapa do eu”, em que o aluno colocou-se a representar algo tão próximo e ao mesmo tempo tão desconhecido. Assim, representar-se exige do “mapeador” uma construção mental do mapa, que com símbolos deve apresentar o significado do conteúdo, possibilitando um “olhar intrinsecamente”, codificando as informações e traduzindo os significados em imagens.

Compreendida esta etapa, o aluno foi capaz de iniciar-se como elaborador de mapas, a fim de entender a localização e orientação. Para

tanto, foram elaboradas “cartas enigmáticas”, auxiliando nas noções de simbologia na legenda.

Chega a oportunidade, então, de conhecer e construir escalas partindo das experiências vividas por cada um, traçando uma “linha do tempo”. Com a escala sugerida de 1:1 ano, os alunos realizaram uma retrospectiva de suas vidas, relatando nesta linha do tempo os fatos importantes de cada ano. De maneira espontânea, foi entendido que existia uma relação ano a ano e a partir daí foram inseridos os conceitos de escala gráfica e numérica, sendo o aluno entendido como um “ponto no mapa” e não alheio a este.

Por conseguinte, deve-se entender a cartografia como mutável e dinâmica e, assim como, ano a ano, fatos acontecem na “linha do tempo” de cada indivíduo transformando-o, a ciência cartográfica modifica-se de acordo com o tempo histórico, a cultura e os anseios do povo que a constrói. Cada símbolo, cada representação possui um objetivo, visa transmitir uma informação, uma visão de mundo.

Neste processo de entendimento dos mapas, a noção de subjetividade precisa estar clara, principalmente para que o processo de construção do conhecimento geográfico não se direcione para o tradicional “copiar e pintar mapas”. A fim de proporcionar o manuseio de mapas, atividades informais foram propostas, como “recreação com mapas”, em que os alunos aplicavam fórmulas simples de escalas com tranquilidade.

Após o conhecimento inicial, os mapas foram apresentados como estruturas representativas com valor nas relações espaciais. Para isto, foi realizado o mapeamento do espaço cotidiano, partindo da faculdade (sala de aula), até a representação do globo terrestre.

Num processo como este, muitas técnicas são trabalhadas, como maquete, o “viajando pelos mapas”, sempre mantendo uma relação entre o espaço vivenciado e transformado e sua representação.

O que se percebe, então, é que os alunos não entendem os mapas porque muitas vezes falta ao professor uma metodologia de trabalho adequada à realidade. Mas, deve-se ressaltar também, que os conhecimentos, noções e conceitos não são resolvidos simplesmente de modo empírico pois trata-se de um processo contínuo, desenvolvido ao longo da escolaridade, em que o papel do professor é o de mediador do conhecimento. A mudança no ensino de Geocartografia virá com esta mediação e com a interdisciplinaridade, evitando, assim, o chamado “eclipse cartográfico” que camufla e encobre as metodologias de ensino tradicionais.

Temos, por fim, um tripé em que se encontram alunos, professores e conhecimento (conteúdo), agindo harmoniosamente onde as representações

formam “andaimes”, os mapas os “degraus”, e o conhecimento a energia pulsionadora neste trabalho de pesquisa-ação.

Eloiza Cristiane TORRES¹

SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, José Luis. *El eje Irún-Aveiro. Geografía de un eje de desarrollo*. Salamanca: Caja Duero, 1998, 304 p.

A busca de novas reflexões na Geografia para que se possa melhor explicar e compreender as novas questões que surgem com o desenvolvimento das técnicas e meios de produção é o que permeia várias das teorizações que vêm sendo realizadas. Surgem então novas abordagens para discutir e avançar nas formulações teóricas sobre novos fenômenos econômicos que se materializam no território. Os estudos sobre o processo de industrialização e suas influências no desenvolvimento econômico de determinadas áreas já vêm de longa data pois é possível encontrar trabalhos anteriores à Segunda Guerra Mundial. Contudo, esses trabalhos até recentemente abordavam apenas as questões da localização ou da concentração das indústrias, ou dando ênfase para a questão regional ou sobre as políticas de implementação de distritos industriais.

A discussão apenas da localização não responde mais aos novos paradigmas que surgem atualmente, já que não levam em conta um fator primordial: os fluxos, sejam eles de mercadorias, passageiros ou mesmo de informações. Assim, começa a se delinear uma nova categoria de análise: os eixos de desenvolvimento, onde os fluxos (de mercadorias, de matérias-primas, informações etc.), passam a ser mais importantes e assim a acessibilidade e o transporte rápido e eficiente da produção e de matérias-primas torna-se primordial para que uma empresa se instale em determinada localidade, obtendo vantagens sobre suas concorrentes.

Na investigação dessas questões, Sánchez Hernández realizou um estudo sobre as influências de um eixo de transporte sobre os fluxos de mercadorias e passageiros no desenvolvimento econômico das localidades por ele atravessadas. Esse eixo rodo-ferroviário une as cidades de Irún, no País Basco Espanhol e Aveiro, na região central de Portugal, um trecho rodoviário de 792 km e 882 km por ferrovia. Esse eixo foi escolhido por ser

¹ Licenciada e Bacharel em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente e Mestranda em Geografia pela mesma instituição.